



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

THALIA DA SILVA

**A MASCULINIDADE ENQUANTO PERFORMANCE DE GÊNERO
EM A *HORA DA ESTRELA* DE CLARICE LISPECTOR**

CAJAZEIRAS – PB

2019

THALIA DA SILVA

**A MASCULINIDADE ENQUANTO PERFORMANCE DE GÊNERO
EM A *HORA DA ESTRELA* DE CLARICE LISPECTOR**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior

CAJAZEIRAS – PB

2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB – 15/046
Cajazeiras - Paraíba

S586m Silva, Thalia da.
A masculinidade enquanto performance de gênero em *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector / Thalia da Silva. - Cajazeiras, 2019.
36f.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior.
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa)
UFCG/CFP, 2019.

1. Estudo literário. 2. A hora da estrela. 3. Crítica de gênero. 4. Masculinidade. I. Ferreira Júnior, Nelson Eliezer. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 82.09

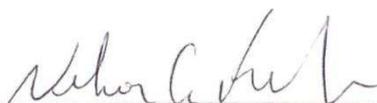
THALIA DA SILVA

**A MASCULINIDADE ENQUANTO PERFORMANCE DE GÊNERO
EM A HORA DA ESTRELA DE CLARICE LISPECTOR**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Aprovado em: 09/12/2019

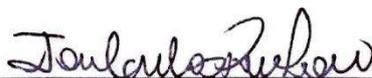
Banca Examinadora:



Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior
(UAL/CFP/UFCG - Orientador)



Prof. Dr. Alexandre Martins Joca
(UAE/CFP/UFCG - Examinador 1)



Prof. Me. José Carlos Redson
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 2)

Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
(UAL/CFP/UFCG - Suplente)

À minha mãe/avó, por ser minha inspiração e fonte de coragem, aos meus irmãos e irmãs, que fazem parte de cada conquista minha, ao meu tio Luciano e minha tia Maciana que sempre investiram nos meus estudos e muito me ajudaram nessa caminhada árdua, porém recompensante, aos meus familiares próximos e distantes, pela torcida de sempre.

DEDICO!

AGRADECIMENTOS

Aos meus colegas de turma, por tanto aprendizado compartilhado, e em especial às minhas amigas Micaelly e Layany, pessoas pelas quais eu me afeiçoei e que dividiram comigo momentos de alegria, tristeza, dúvidas, medos, e tantas outras sensações que experimentamos ao longo dessa jornada na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Agradeço com todo meu coração pela amizade conquistada, embora pareça clichê e talvez seja, sem vocês dificilmente eu chegaria tão longe, meninas. Agradeço muito e espero tê-las para sempre por perto. Agradeço ainda, a minha amiga Nágila, por tanta partilha de conhecimento e de amizade. Agradeço também as minhas amigas Érica, Cíntia, Márcia Reis, Zélia Santti, Gilmara e Veronilda, sem a ajuda de vocês em muitos momentos, teria sido ainda mais difícil chegar até aqui, por isso obrigada.

Aos amigos e colegas do ônibus universitário, pelos momentos de confraternização vivenciados e pelas demonstrações de afeto, e de humanidade, e ainda por trazerem uma dose de bom humor para o trajeto até à universidade, ao motorista Pedro, por tanto zelo e cuidado, não só comigo, mas com todos os universitários que utilizam o seu transporte, pela compreensão nos momentos de dificuldade e por olhar para as pessoas com um olhar humanizado se atentando a realidade de cada um. Ao meu amigo Natanael Simplício, que esteve presente na minha vida desde o tempo do Ensino Fundamental, e foi minha companhia diária no trajeto até a Universidade.

Ao meu companheiro e amigo Leandro Silvério, por todo amor e apoio que me destes nessa caminhada, pelo ombro amigo, por me encorajar, por me dizer que “sim, é possível, você consegue!”, pela companhia e paciência comigo, até nos meus dias mais estressantes, pelo amor que me destes no meio do percurso e que é indispensável à vida, e por estar comigo independente da vitória ou não, por essas e outras mil coisas, gratidão, meu amor.

Por fim, agradeço ao meu orientador Professor Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior, primeiro por ter aceitado meu convite e ter demonstrando grande satisfação, o que me encheu de alegria, e segundo por ter me auxiliado a encontrar os caminhos da minha pesquisa, enfim, por todos os ensinamentos, paciência, disponibilidade para discutir comigo sobre as teorias e estar sempre disposto para sanar minhas dúvidas, agradeço imensamente por tudo que o senhor contribuiu nessa minha caminhada.

Agradeço ainda, a todos os meus professores do período do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, que de algum modo plantaram em mim o amor pela docência, e em especial a

querida professora Marivalda Roberto a qual tive a honra de ser aluna no Ensino Médio, e foi quem primeiro me incentivou no caminho das Letras, por isso eu só tenho a agradecer por tamanha contribuição nessa minha jornada, muito obrigada!

Agradeço à UFCG por ter sido minha segunda casa durante todo esse tempo em que estive lá, agradeço a todos os professores maravilhosos que conheci e tive o privilégio de ser aluna, em especial a grande profissional professora Dra. Fátima Elias, e a querida professora Dra. Nazareth Arrais, que com certeza posso destacá-las como professoras e pessoas de imensa humanidade e inteligência. Agradeço ainda a professora Dra. Erlane, que foi a responsável por conduzir a disciplina do TCC, e nos contemplou com preciosas lições e dicas, além de ter auxiliado bastante na confecção da estrutura desse trabalho. Gratidão, obrigada a todos que fizeram parte do meu percurso acadêmico!

Aos programas do governo, tais como o Programa de Auxílio ao Ensino de Graduação (PAEG) que foi uma bolsa que muito me auxiliou durante me estada na UFCG, sem ela teria sido muito difícil me manter financeiramente dentro do curso, arcar com os gastos com material, lanche e transporte, por isso, sou muito grata por ter sido contemplada com essa bolsa. Agradeço também a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por ter me dado a oportunidade de ser bolsista do programa de Residência Pedagógica, que muito agregou para minha formação acadêmica, ao me inserir dentro da realidade das escolas públicas e me fazer vivenciar o magistério de forma significativa e ativa. Foi uma das experiências mais enriquecedoras que tive durante esse processo, agradeço a todos os membros desse projeto e aos meus colegas de equipe.

E por fim, agradeço a Deus, por ter renovado minha fé e esperança todos os dias e me dado as forças necessárias para continuar acreditando que seria possível escrever esse trabalho, e contribuir para a academia com nossa pesquisa, que exigiu muito de mim, mas que no final, trouxe sua parcela de contribuição para o campo de estudo a que se destina.

“Tudo acaba mas o que te escrevo continua. O que é bom, muito bom. O melhor ainda não foi escrito. O melhor está nas entrelinhas”.

(LISPECTOR, 1998, p.95)

RESUMO

Esta pesquisa é centrada na temática da masculinidade e literatura, e tem como objetivo geral analisar como se dá a construção da masculinidade em *A hora da estrela*, para tanto, buscamos compreender algumas questões, tais quais, como são desenvolvidas as masculinidades do narrador Rodrigo S.M e Olímpico? Quanto à masculinidade apresentada na obra, a mesma se assemelha a algum padrão? Ou ainda, existe alguma diferença entre as masculinidades expostas pelos personagens analisados, além disso, como ocorrem às práticas masculinas do homem nordestino? Para respondermos tais questionamentos nos debruçamos sobre o corpus e a crítica de gênero. Através de quatro capítulos, buscamos elencar pontos relevantes para a discussão que nos propomos. Inicialmente temos uma apresentação prévia do que irá ser trabalhado, em seguida fizemos um recorte pela crítica de gênero, a fim de compreender o que já vem sendo discutido no objeto de estudo no que concerne à temática de gênero, feito esse levantamento, no qual chegamos a algumas conclusões importantes, dentre elas, a questão da lacuna de estudos referentes à pauta da masculinidade na obra trabalhada, lacuna essa que contribui na justificativa da existência desse trabalho. Depois partimos para uma discussão centrada nas principais teorias que fundamentaram a nossa pesquisa, tentando assim situar o leitor sobre conceitos importantes que seriam usados no decorrer do trabalho, tais como o da performance de gênero. Por fim, chegamos a alguns resultados importantes, os quais demonstraram a existência da lacuna de estudos nesse viés de análise, e ainda, no qual conseguimos identificar que ambos os personagens vislumbravam um ideal de masculinidade hegemônica, além de ambos performarem os seus gêneros, evidenciamos ainda a masculinidade nordestina de Olímpico, e suas particularidades. Fundamentamos nossa pesquisa, principalmente, nas postulações teóricas da autora Connell (1995) e da autora Butler (2003), além de outros teóricos importantes. Em relação à natureza do trabalho, a pesquisa é de cunho bibliográfico, posto que se utiliza de postulações teóricas já elaboradas e pode ser classificada como descritiva e qualitativa.

PALAVRAS-CHAVE: A hora da estrela. Crítica de Gênero. Performance. Masculinidade.

ABSTRACT

This research is centered on the theme of masculinity and literature, and its general objective is to analyze how the masculinity construction takes place in *The Hour of the Star*. Therefore, we seek to understand some issues, such as, how are the masculinities of the narrator Rodrigo SM developed? and Olympic? As for the masculinity presented in the work, does it resemble any pattern? Or, is there any difference between the masculinities exposed by the characters analyzed, besides, as they occur to the masculine practices of the northeastern man? To answer such questions, we look at the corpus and gender criticism. Through four chapters, we seek to list relevant points for the discussion we propose. Initially we have a preview of what will be worked on, then we made a cut through the gender critique, in order to understand what is already being discussed in the object of study regarding the theme of gender, made this survey, in which we arrived some important conclusions, among them, the issue of the gap of studies referring to the agenda of masculinity in the worked work, which gap contributes to the justification of the existence of this work. Then we move on to a discussion centered on the main theories that underlie our research, thus trying to situate the reader about important concepts that would be used throughout the work, such as gender performance. Finally, we came to some important results, which demonstrated the existence of the study gap in this analysis bias, and also, in which we could identify that both characters glimpsed an ideal of hegemonic masculinity, in addition to both performing their genres, we show. still the northeastern masculinity of Olímpico, and its peculiarities. We base our research mainly on the theoretical postulations of author Connell (1995) and author Butler (2003), as well as other important theorists. Regarding the nature of the work, the research is bibliographic, since it uses already elaborated theoretical postulations and can be classified as descriptive and qualitative.

KEYWORDS: The Hour of the Star. Gender Criticism. Performance. Masculinity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A CRÍTICA DE GÊNERO EM A HORA DA ESTRELA	12
3 MASCULINIDADE E CRÍTICA CULTURAL	19
3.1 UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO.....	19
3.2 GESTOS, ATOS E REPRESENTAÇÃO: UMA DISCUSSÃO SOBRE PERFORMANCE DE GÊNERO.....	20
3.3 ALGUMAS NOÇÕES SOBRE MASCULINIDADE.....	21
4 UMA ABORDAGEM SOBRE AS MASCULINIDADES EM “A HORA DA ESTRELA”	24
4.1 OS PERSONAGENS RODRIGO S.M E OLÍMPICO	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que a Literatura aborda diversas questões, e o enfoque social está presente em muitas delas, tendo em vista que Literatura e sociedade estão sempre entrelaçadas, as temáticas sociais são assuntos recorrentes. Neste trabalho, abordaremos a temática de gênero. Assunto esse bastante atual e relevante, tendo como objeto de pesquisa a obra *A hora da estrela*, de Clarice Lispector.

Por meio de algumas leituras, percebemos a importância de observarmos com atenção a pauta referente à construção da masculinidade em *A hora da estrela*, sabemos a importância da figura feminina na obra, representada pela personagem principal Macabéa, bem como os estudos feministas que muito acrescentam para o debate de gênero, no entanto, vimos a necessidade de observar também as práticas masculinas, que muitas vezes são nocivas para ambos os gêneros, por isso procuramos trazer à baila da discussão esse outro viés de análise, como meio de compreender como alguns ideais de “masculinidade”, acabam muitas vezes gerando malefícios para ambos os gêneros.

Desse modo, vimos à necessidade de se atentar para as vozes masculinas da obra, para tentarmos evidenciar esse outro lado que muitas vezes acaba não sendo tão abordado nas discussões de gênero envolvendo o *corpus* em questão. E que é bastante relevante à medida que compreendemos que muitas questões sociais estão envolvidas nessas práticas masculinas, tanto no sentido da violência quanto na desigualdade de gênero, que algumas práticas masculinas acabam alimentando. Para isso optamos em utilizar como alvos da nossa análise as figuras masculinas mais significativas, representadas pelos personagens, Olímpico e o narrador Rodrigo S.M. Procuramos desenvolver uma pesquisa que contribua com as discussões de gênero na obra, buscando assim ajudar a ampliar esse outro viés de análise, que é o da masculinidade.

Portanto, pretendemos com esse trabalho, entender como é feita essa construção do masculino no decorrer do texto. Para isso buscamos entender algumas questões, tais quais, como são desenvolvidas as masculinidades do narrador Rodrigo S.M e Olímpico. E quanto à masculinidade apresentada na obra, será que se assemelha a algum padrão? Ou ainda, existe alguma diferença entre as masculinidades expostas pelos personagens analisados, e como ocorrem às práticas masculinas do homem nordestino?

Para tanto, iniciamos o segundo capítulo, intitulado “A crítica de gênero em *A hora da estrela*”, fazendo um breve passeio por alguns recortes de artigos, que faziam referência a estudos da crítica de gênero em *A hora da estrela*. Destacando naquele momento alguns pontos que são analisados pelos(as) pesquisadores(as) com certa frequência, o que nos ajuda a compreender quais os caminhos de análises mais abordados por alguns desses autores(as), e o que nos leva a algumas constatações que influenciam diretamente na continuidade da presente pesquisa acadêmica.

No terceiro capítulo, intitulado “Masculinidade e crítica cultural” trazemos para a discussão algumas teorias importantes para a compreensão da presente pesquisa, a começar por algumas noções sobre definições de gênero, e ainda, noções sobre performance de gênero, masculinidades, incluindo hegemônicas e/ou nordestinas.

No quarto capítulo, intitulado “Uma abordagem sobre as masculinidades em *A hora da estrela*”, buscamos fazer o elo entre a teoria e o objeto de estudo da nossa pesquisa. Inicialmente, procuramos compreender, de antemão as práticas de masculinidade existentes no texto, para só então observar como se deu a construção da masculinidade no *corpus*. Ainda nesse sentido de entender quais práticas os personagens masculinos desempenhavam na obra, e até que ponto essas práticas apresentavam perfis de dominação masculina, e ideia de centralização do homem e poder sobre as mulheres. Fizemos uma análise centrada em compreender como os personagens masculinos atuavam na obra, quais características possuíam, e como a performance de gênero surgia nesse contexto.

Para tanto, fizemos uma pesquisa de cunho bibliográfico, que pode ser classificada como descritiva e qualitativa. Centrada nos debates de gênero na literatura e mais precisamente no que se refere aos estudos sobre masculinidade, para que essa pesquisa fosse realizada com eficiência, utilizamos autores(as) como Connell (1995), Bourdieu (2002), Butler (2003), dentre outros(as).

2 A CRÍTICA DE GÊNERO EM A HORA DA ESTRELA

A obra *A hora da Estrela*, de Clarice Lispector, oferece uma grande gama de possibilidades analíticas, desde questões referentes ao processo da metalinguagem, quanto às questões de cunho social, a exemplo das presentes no contexto situacional do nordestino. Dentre tantas possibilidades, nos atentamos aqui às questões de gênero. Questões essas que são pertinentes e apresentam na obra, dois vieses passíveis de análise, a temática da mulher e a temática voltada para a masculinidade.

Através de um levantamento bibliográfico feito a partir de leituras em artigos acadêmicos, publicados em periódicos e revistas acadêmicas, podemos fazer um passeio por alguns estudos que são voltados para a crítica de gênero em *A hora da estrela*. Nesse levantamento, daremos destaque a alguns dos principais artigos voltados para essa temática na obra, e que de alguma forma, nos conduzem para um entendimento maior sobre o que vem sendo discutido sobre *A hora da estrela*, quando o assunto é a temática de gênero, e que muito nos interessa para a realização dessa pesquisa, tendo em vista que esse levantamento irá nos auxiliar na compreensão de alguns aspectos importantes, por exemplo, poderemos observar com que frequência aparecem pesquisas na área da masculinidade envolvendo *A hora da estrela*, o que servirá para constatar se há alguma lacuna ou não, nesses estudos, e ainda, poderemos evidenciar qual o foco em comum dos(as) pesquisadores(as) ao trabalharem gênero na obra em questão.

Os(as) autores(as) que trabalharemos nesse capítulo são: Soares (2002), Almeida Nunes (2013), Almeida (2016), Monteiro (2011) e Azevedo (2008), de início, vamos conhecer um pouco do que fala cada um desses(as) autores(as) e entender como a crítica de gênero vem abordando a obra *A hora da estrela* por alguns desses críticos.

Em Soares (2002), por exemplo, encontramos uma análise alusiva ao discurso de Clarice, enquanto mulher, e que aborda ainda questões levantadas pela crítica feminista sobre as especificidades da arte produzida por mulheres. O texto discorre tanto sobre a opressão da voz, quanto do próprio sexo feminino. Contudo, o destaque da análise se refere primordialmente a como Clarice se faz presente na narrativa, às vezes de maneira autobiográfica, e esse ponto é defendido no texto através de citações de situações ocorridas na narrativa que se assemelhavam a vida de Clarice, tais como o tempo que a autora morou no Recife, ou ainda o cão que é citado na história, e que poderia fazer referência ao cão Ulisses, animal de estimação de Clarice, etc. Outro ponto de destaque nessa análise é o fato da voz do

narrador Rodrigo S.M e a voz da autora Clarice se confundirem no decorrer do texto, e tal hipótese é levantada, inicialmente, a partir do título da dedicatória: *Dedicatória do autor (Na verdade, Clarice Lispector)*, no entanto, segundo Soares (2002) a escolha por um narrador homem surge apenas para que Clarice possa obter um devido distanciamento, necessário para a exposição de si mesma, portanto, existe essa crença da homogeneidade entre narrador e autora. Em síntese, esse artigo tem foco no feminino e nas especificidades artísticas das mulheres, dando ênfase ao que diz a crítica feminista acerca de tal assunto, sendo assim abordado o ponto de vista de alguns autores(as), mostrando que é muito difícil provar se as mulheres possuem ou não, um jeito específico de escrever em relação aos homens. Contudo, a autora aponta que é importante se questionar sobre essa relação dialógica estabelecida entre os enunciados proferidos pela escritora Clarice, e os que a tradição literária patriarcal vem elaborando acerca do tema em que se inscreve sua fala, e por fim, ressalta o discurso, muitas vezes autobiográfico, da autora Clarice dentro da obra, levantando questões sobre como existe uma certa fusão entre Clarice/Rodrigo e Clarice/Rodrigo/Macabéa. Nesse ponto, Soares (2002) destaca que Clarice, Rodrigo e Macabéa vão se confundindo via Rodrigo, através das misérias da alma, do sobrar no mundo, que Rodrigo e Macabéa se intertrocam, e apesar das diferenças sociais acabam por se misturarem muitas vezes, e Clarice acaba se revelando em Macabéa a partir de alguns traços autobiográficos, como o seu gostar de ir a cartomantes, ou pequenas manias emprestadas a personagem Macabéa, como apreciar ouvir a rádio relógio, que tanto Clarice quanto a personagem Macabéa apreciavam.

Quando nos direcionamos para Almeida Nunes (2013), encontramos outro tipo de análise, focada numa procura de entender como a figura feminina Macabéa é construída. Nessa análise, observamos que existe ainda, um enfoque na masculinidade, no entanto, o mesmo atua apenas como fonte para entender como a personagem protagonista se desenvolverá ou até mesmo como irá se identificar como mulher, observando assim a relação que ela estabelecerá com o outro gênero, seja por meio da relação direta entre Macabéa e Olímpico, ou pelo modo como ela é descrita pelo narrador masculino Rodrigo S.M. Não há, portanto, um foco nas masculinidades presentes na história, mas apenas recortes do que esses personagens são na história e em que contribuem para a formação da personagem Macabéa, enquanto figura feminina. Através da atenção aos múltiplos discursos dos personagens que interagem com Macabéa, Almeida Nunes (2013) explica que não existe uma verdade estanque sobre o que é dito, mas sim verdades sobre aquilo que é percebido, sentido e ouvido, e que pode levar o sujeito a pensar diversificadamente sobre aquilo que está dado como pronto.

Todavia, a discussão não se encerra por aí, outro ponto importante que a autora destaca são as relações de gênero estabelecidas na região Nordeste, tais relações surgem no texto para explicar o contraste entre Macabéa e Olímpico, partindo do espaço regional que eles ocupam, espaço esse marcado por ideais patriarcais e revestido por discursos baseados em preservação da tradição conservadora. Para alcançar um ideal sobre a construção da identidade feminina exposta por Macabéa, Almeida Nunes (2013) traça o perfil do nordestino Olímpico, a fim de estabelecer como se dá essa identidade da personagem feminina, tendo em vista que a mesma se mostra a partir do encontro com o outro. Portanto, para a autora, Macabéa é desenhada através das relações com esse outro, que possui um perfil encaixado na categoria do “cabra-macho”, categoria essa que surge por meio de construto social, por aqueles que estão dentro e fora do Nordeste. E é a partir daí que surge, segundo a pesquisadora, a oposição desse homem frente à mulher, na tentativa de frear as conquistas femininas no âmbito da era moderna, dado que esse “cabra-macho” surge como aquele que visa reerguer a sua região e lutar contra a ascensão da mulher. Sendo assim, Almeida Nunes (2013) destaca o paralelo existente entre os dois gêneros, pois se por um lado temos Olímpico, dito o “cabra-macho”, valente e que aspirava um futuro, por outro, surge Macabéa que parecia ter nascido de uma ideia vaga de país famintos e que aparentava certa ingenuidade perante as coisas. Portanto, conforme a autora, a relação que Macabéa estabelecia com Olímpico, era de passividade, já que a mesma sempre vivia à margem do que ele é, faz e diz.

Ainda nesse percurso, acerca da passividade e alienação vivida pela personagem Macabéa, Almeida (2016) nos conduz a uma discussão voltada, justamente, para a condição feminina diante desse espaço do não-pensar como lugar de alienação, mas também para o lugar do contra-discurso do riso como meio de enfrentamento desse contexto, trazendo tais conceitos com o intuito de compreender a personagem Macabéa e sua relação com a realidade na qual se insere. A fala de Almeida (2016) começa expondo como Macabéa é apresentada no texto, o que ocorre muitas vezes de forma alienada, desde o início da história que se inicia com uma afirmativa “sim”, e é a partir desse sim que surge um espaço entorno do não-pensar. Esse lugar, contudo, é compreendido pela autora, não só como espaço geográfico, mas como espaço de existência, co-existência e resistência. A pesquisadora defende que Macabéa precisava criar um espaço seu com o intuito de se proteger dessa realidade que estava inserida em seu cotidiano, e ao criar essa nova realidade, ela encontrava justamente essa proteção, demonstrando assim não ser totalmente alienada, tendo em vista sua apropriação do riso, como forma de contra-discurso, dado que o não-pensar só surge como espaço através do

contra-discurso construído. O que segundo Almeida (2016), Macabéa demonstrava com frequência, já que mesmo diante de tantos problemas que se apresentavam, tais como traições, desesperanças, a mesma estava sempre de bom humor, reagindo “bem” diante dos fatos. Mas, de acordo com a pesquisadora, o que a personagem estaria desempenhando, na verdade, seria alienação diante dos fatos, porém justamente por está inserida num contexto de alienação a mesma não se sentia oprimida, e ao demonstrar não ter noção desse espaço do não-pensar acaba por não ter consciência daquilo que a circunda, e, portanto, não seria considerada um ser alheio. Mas é a partir do contra-discurso do riso que a personagem demonstra certa compreensão de mundo e consciência da própria situação. Portanto, o foco dessa análise se volta muito para a personagem feminina Macabéa e sua condição enquanto mulher inserida num espaço do não-pensar, da alienação, e que se apropria do riso, da ironia, como forma de contra-discurso.

Em Monteiro (2011), por sua vez, encontramos uma análise que visa através de uma comparação entre os personagens da obra, observar como gênero e representação atuam em *A hora da estrela*. Para tanto, a autora enfatiza inicialmente as temáticas encontradas, bem como os símbolos que algumas imagens agregam ao texto, a exemplo de parafusos e relógios, já sobre as personagens a pesquisadora faz algumas observações acerca do comportamento de Olímpico no texto literário, dando ênfase ao seu papel de “cabra macho”, “um homem com letra maiúscula”, que por ter matado um homem no sertão tinha sua honra “lavada”, e até mesmo o seu nome trazia uma ideia de heroísmo, porém com certa carga de ironia ao observarmos a mediocridade dos pensamentos que ele possuía. O que também acaba por lançar, conforme Monteiro (2011), uma luz de sarcasmo no que ele pensa sobre as duas mulheres que namora, Macabéa e Glória. Por um lado a mulher “falível”, o “cabelo na sopa”, que só falava bobagens e tinha cara de quem comeu e na gostou, por outro, a que inspirava fertilidade e vivacidade, ainda que feia, era bem alimentada, e para ele isso a fazia “material de boa qualidade”, certamente seria boa parideira, e além de ser carioca, era de boa família. Para Monteiro (2011), a vulgaridade desses juízos, tão bem exposta pela ironia clariceana, escancara ambivalentes processos que articulam as identidades e os desejos sexuais, assim como sua estrutura simbólica. Por meio desses juízos feitos por Olímpico, observa-se como a figura feminina aparece como objeto, seja para fins de gozo (sexual ou estético) masculino ou ainda, reduzida a fins de procriação e alimentação dos filhos, ponto esse que ele encontra em Glória, sua maior expressão representativa e em sua maior falência, em Macabéa.

Glória aparece como a caricatura da mulher gloriosa, já Macabéa, representa a alegoria das insuficiências do mundo, ela é aquela que não se ajusta aos “tipos femininos” disponíveis no mercado, segundo a autora, Macabéa só tem a oferecer senão esquivas de uma sociedade que é embotada e adormecida sob o seu próprio arsenal de símbolos: cremes, batons, cartomantes, aspirinas, pregos e parafusos etc. Macabéa, assim como Olímpico e Glória, seriamente, uma caricatura, porém falida. Como pudemos observar Monteiro (2011) trouxe para a discussão aspectos relevantes sobre a representação de gênero e a simbologia presente nos temas que cerceiam *A hora da estrela*, todavia não houve muito aprofundamento acerca da crítica de gênero no tocante à pauta da masculinidade.

Contudo, em Azevedo (2008) encontramos uma análise mais focada nas relações de gênero, tendo foco nos personagens Macabéa e Olímpico. O autor faz uma análise acerca das relações sociais que tais personagens desempenham, buscando assim traçar um meio de entender como ocorre a construção de suas identidades e representações de ser-mulher e ser-homem, segundo os paradigmas inventados pela cultura nordestina. O autor faz então um passeio pela teoria de gênero, evidenciando os vários âmbitos em que essa palavra aparece, para só depois optar por aplicar a teoria de gênero relacional à obra, teoria essa que desconstrói uma concepção binária dos papéis sexuais e funda uma perspectiva em que homens e mulheres serão analisados e entendidos de acordo com as relações estabelecidas na esfera social. Portanto, os dois personagens, Macabéa e Olímpico, são analisados pelo pesquisador a partir da forma como eles desempenham suas representações de ser mulher e ser homem, de acordo com o que a sociedade construiu. Para Azevedo (2008), Macabéa e Olímpico assumem o modelo socialmente proposto, seguindo assim um modo de ser e viver consoante à lógica e a mentalidade que circulava em meados do século XX. Por um lado, Macabéa, mulher, nordestina, virgem, solitária e submissa, de outro, Olímpico, homem, nordestino, “cabra da peste”, esperto e dominador, tais características, segundo o autor, não são dadas por acaso, mas obedecem a toda uma lógica sócio-cultural-discursiva que se origina no espaço que os personagens vivem. Até mesmo o nome da personagem Macabéa, é destaque nessa análise, o autor mostra a possibilidade da abreviatura “Maca” remeter a palavra “Maçã”, porém sem os adornos do til e da cedilha. E tal semelhança daria uma ideia do fruto proibido, que segundo a narrativa bíblica levou a queda de todo gênero humano.

Desse modo, a culpa que recai especificamente sobre a mulher, que fica estigmatizada como causa de perdição. Macabéa, portanto, traz consigo esse sinal, através, de certo modo, de tal abreviatura. Criada para ser ingênua, inocente, virgem e obediente, segundo Azevedo

(2008), o mérito de Macabéa estar em baixar a cabeça e obedecer, e é apenas à medida que ela vai se enquadrando nos padrões sociais pré-determinados para aquelas que vivem no mesmo espaço, que ela torna-se mulher. Já Olímpico, carrega consigo os traços do homem viril, “cabra-macho”, o protótipo de ser-homem, e sua relação com Macabéa se dá a partir da simbologia do masculino. Já no primeiro encontro, ele irá delimitar os espaços que eles estão inseridos de acordo com os nomes que carregam. Para o nome de Macabéa, ele faz alusão à doença de pele, para o dele, embora desconheça o significado, sabe que inspira força e masculinidade, ao mesmo passo que carrega toda uma tradição patriarcalista e dominadora. Conforme Azevedo (2008), as diferenças dos papéis sexuais e a má distribuição do poder entre os sexos ficam evidentes na narrativa a partir desse contraste entre o que a personagem feminina não tem; o seu déficit, mas que o personagem masculino esbanja. Enquanto à personagem feminina cabe o destino de viver à margem da sociedade, ocupando espaços privados; aos homens, cabe o espaço público, assim como Olímpico reconhece isso, a partir do seu desejo de se tornar deputado. Quanto à mulher, caberia viver a sombra do homem. E, além disso, caberia aos dois personagens desempenharem seus papéis de acordo com a região a qual estão inseridos. Resumidamente, Macabéa e Olímpico reproduzem, segundo o autor, um modo de ser no mundo, que é aprendido, institucionalizado, passado de geração em geração.

Seja em Azevedo (2008) ou em Almeida Nunes (2013), observamos que há essa preocupação de entender as relações estabelecidas entre Macabéa e Olímpico, de acordo com a cultura nordestina, e a construção das suas identidades de ser-homem e ser-mulher, ressaltando que em Almeida Nunes (2013), temos um foco mais voltado para a personagem Macabéa, e o masculino atua apenas como meio de compreensão para entender como a personagem será construída enquanto mulher.

Em conclusão, todos os artigos citados nesse capítulo, possuem certas diferenças, mas há um ponto em comum que liga cada uma das análises expostas aqui. Mesmo surgindo sempre de maneira distinta, o ponto frequentemente apresentado é que tais autores(as) se voltavam para o personagem feminino, e muitas vezes as análises que falavam do masculino, pouco se aprofundavam ou davam destaque maior para a temática, revelando assim certa carência desse ponto de análise, ao menos até onde podemos observar. Sendo assim, a partir desse recorte da crítica de gênero em *A hora da estrela*, já conseguimos sentir certa lacuna nos estudos com enfoque na masculinidade referentes à obra. Portanto, a partir do próximo

capítulo, apresentaremos um pouco da crítica cultural sobre masculinidade e sua aplicação na obra *A hora da estrela*.

3 MASCULINIDADE E CRÍTICA CULTURAL

3.1 UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO

Nos textos literários, encontramos diversas características e podemos levantar inúmeras discussões, o que conduz o crítico a definir um caminho para sua pesquisa. Em *A hora da estrela* de Clarice Lispector, um desses aspectos é a temática de gênero, assunto esse que é o cerne dessa pesquisa e que dialoga com a tradição crítica que já se debruçou sobre tais estudos. Existem diversos discursos que permeiam essa temática, muitos dos quais preconceituosos e totalmente desprovidos de conhecimento teórico e consistente sobre o tema. Em Connell e Pearce (2015) compreendemos que gênero é uma dimensão central da vida pessoal, das relações sociais e da cultura. Uma arena em que enfrentamos questões práticas difíceis no que diz respeito à justiça, à identidade e até à sobrevivência.

Gênero, portanto, está intimamente ligado ao modo como as pessoas constroem a si mesmas, no decorrer de suas existências, pois é a partir daí, conforme as autoras, que “reivindicamos um lugar na ordem de gênero - ou respondemos ao lugar que nos é dado -, na maneira como nos conduzimos na vida cotidiana” (CONNELL; PEARCE, 2015, p. 39). Por isso, é importante entendermos que “[...], não podemos pensar o ser mulher ou o ser homem como experiências fixadas pela natureza. Mas também não podemos pensá-los apenas como uma imposição externa realizada por meio de normas sociais ou da pressão de autoridades” (p.39). Ou seja, o gênero, não é uma questão passível de definição estanque, ao lidarmos com gênero, lidamos ainda com a instabilidade. Conforme as autoras, “o gênero, como outras estruturas sociais, é multidimensional. Não diz respeito apenas à identidade, nem apenas ao trabalho, nem apenas ao poder, nem apenas à sexualidade, mas a tudo isso ao mesmo tempo” (p. 49).

As questões de gênero, como dissemos, quase sempre englobam diversos fatores, por isso, muitas vezes encontramos dificuldades para defini-lo, e até mesmo para compreender sua inconstância, todavia, segundo as pesquisadoras:

O poder das estruturas na formação da ação individual faz com que o gênero quase sempre pareça não se transformar. No entanto, os arranjos de gênero estão sempre mudando, conforme as práticas humanas criam novas situações e as estruturas se desenvolvem tendendo a crises. Por fim, o gênero teve um começo e pode ter um fim (CONNELL; PEARCE, 2015, p. 49).

Para as autoras, o gênero não possui uma base biológica fixa, mas sim uma arena onde os corpos são trazidos para processos sociais, e a nossa conduta social é quem faz alguma coisa sobre diferenças reprodutivas. Portanto, para as pesquisadoras, o gênero é acima de tudo uma questão de relações sociais dentro das quais indivíduos e grupos atuam. E é a partir de tais conceitos que subsidiamos essa pesquisa.

3.2 GESTOS, ATOS E REPRESENTAÇÃO: UMA DISCUSSÃO SOBRE PERFORMANCE DE GÊNERO

Além de entendermos o que é gênero, outro conceito valioso para essa pesquisa, é o conceito de performance de gênero. Antes de mais nada, é importante ressaltar que para Butler (2003), assim como para Connell e Pearce (2015), o gênero é entendido como algo mutável, que não caracteriza o ser, mas que atua como uma projeção feita a partir de modelos já existentes na sociedade. Segundo Butler (2003, p. 199):

[...], o gênero é uma construção que oculta normalmente sua gênese; o acordo coletivo tácito de exercer, produzir e sustentar gêneros distintos e polarizados como ficções culturais é obscurecido pela credibilidade dessas produções – e pelas punições que penalizam a recusa a acreditar neles; a construção “obriga” nossa crença em sua necessidade e naturalidade.

O gênero, portanto, é construído, mas segundo a autora, esse não deve ser compreendido como uma identidade estável, ou um *locus* de ação onde irão decorrer diversos atos, ao invés disso, o gênero deve ser concebido como uma identidade que é tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo e em decorrência de uma repetição estilizada de atos. O gênero, portanto, ocorre como algo mutável, é concebido no tempo, e instituído num espaço externo por meio de repetições estilizadas de atos. E é dessa repetição de atos que decorre o que Butler (2003) vai chamar de performance de gênero. Para a pesquisadora, as pessoas tendem a “performar” ou representar o gênero, de acordo com ideais já existentes na sociedade, por exemplo, alguns comportamentos que são ditos como naturais, e, no entanto, são culturais, a exemplo, da ideia de que as mulheres são mais delicadas, sensíveis, amorosas, e os homens, mais corajosos, agressivos, etc.

Portanto, é a partir desses gestos, atos e atuações performativas que criamos essa representação do gênero e algumas noções de masculinidade e feminilidade. Pois, conforme a

autora citada, os vários atos de gênero são os responsáveis por criarem essa ideia de gênero, e semeles, não haveria gênero algum, pois não haveria uma “essência”, que o gênero pudesse expressar, exteriorizar, nem mesmo um ideal objetivo a seguir, já que o gênero não é um dado da realidade.

3.3 ALGUMAS NOÇÕES SOBRE MASCULINIDADE

Portanto, a partir de tais noções, pensaremos inicialmente na masculinidade e em seguida na teoria da masculinidade hegemônica, que observaremos a partir da sua manifestação no texto literário. A masculinidade, antes de qualquer coisa, “[...] é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero” (CONNELL, 1995, p. 188). E sabemos ainda, que existem mais de uma configuração desse tipo, e por isso, comumente tem se falado em “masculinidades”, isso ainda, de acordo com a autora. Quanto às “masculinidades”, segundo Connell (2016), são padrões socialmente construídos de práticas de gênero. E tais padrões são criados por meio de um processo histórico com dimensões globais.

Sabendo disso, é necessário entender que embora existam “masculinidades”, existe também a ideia de hegemonia, ou seja, a ideia de que um tipo específico de masculinidade deve ser levado como modelo padrão para as demais seguirem, seria uma espécie de modelo que em dado momento e lugar, detém maior poder coercitivo. Ou ainda, em consonância com Connell (2013), um padrão de práticas, ou seja, de coisas feitas e não somente uma série de expectativas de papéis ou uma identidade, que possibilitou que houvesse a dominação dos homens sobre as mulheres.

Portanto, a masculinidade hegemônica tenta manter a ideia do poderio masculino, da dominação e poder sobre o feminino, e é através dela que muitos homens defendem seus ideais machistas e patriarcais, no entanto, ela também age como uma forma de opressão aos homens que não se encaixarem nesse padrão. Ela se difere de outras masculinidades à medida que, de acordo com a autora, incorpora a forma mais “honrada” de ser homem, ou seja, é como se apenas esse ideal legitimasse a masculinidade desses homens, exigindo assim, que os demais se posicionem em relação a ela e legitimem ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens. No entanto, “[...], diferentes masculinidades são produzidas no mesmo contexto social; as relações de gênero incluem relações entre homens, relações de

dominação, marginalização e cumplicidade” (CONNELL, 1995, p. 189). Em síntese, a masculinidade hegemônica é um tipo de padrão de masculinidade construído pela sociedade e que os homens acabam sendo pressionados a se aproximarem desse ideal, no entanto, cabe ressaltar que esse ideal não é estanque, fixo, pelo contrário, é constantemente questionado e modificado.

Considerando a pesquisa em questão, nos voltamos também, para as peculiaridades do homem nordestino e sua representação no texto literário. Tendo em vista, que nossa análise se volta também para um personagem nordestino, é importante compreender através da teoria, como esse homem é moldado. Com base em Albuquerque Júnior (2013):

[...] o nordestino é inventado como um tipo regional destinado a resgatar padrões da masculinidade que estariam em perigo, um verdadeiro macho capaz de restaurar o lugar que seu espaço estava perdendo nas relações de poder em nível nacional (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 226).

De acordo com o autor, o ideário do homem nordestino atua justamente como aquele, de certo modo, destinado a enfatizar um padrão de masculinidade hegemônica. Muito embora, esse homem nordestino, tenha suas particularidades, ele ainda projeta ideais de modelos hegemônicos de masculinidade. Contudo, segundo o autor, o nordestino, tal como foi criado no século XX, é definido como um homem que está situado na contramão do mundo moderno, que rejeita suas superficialidades, a vida delicada, artificial, e atua como um homem de costumes conservadores, rústicos, masculinos, que se define como um macho viril, capaz de retirar sua região do estado de passividade e subserviência.

Quanto ao contraponto do homem nordestino, aparentemente, se faz presente justamente na questão da região a que ele pertence, já que ele é posto como um homem ou o “macho” que tenta dar ênfase ao patriarcado, ao mesmo tempo em que figura como aquele que irá retirar sua região do estado de “passividade”, ou ainda, de submissão ao feminino. Este perfil de masculinidade parece querer afirmar-se enquanto ser viril, não só em relação aos demais tipos de masculinidade, mas como forma de afirmação regional.

Buscando formas de provar que merece viver naquela terra, que aparece muitas vezes, como espaço de luta, o homem nordestino seria, de acordo com o autor, um homem forjado na luta contra o meio, contra a seca e a aridez. Por isso, segundo Albuquerque Júnior (2013), apenas com uma dose exagerada de virilidade o homem nordestino conseguiria sobreviver num ambiente tão árido, rude, ressequido, no qual os traços dessa terra passam a se identificar com a própria masculinidade do nordestino.

Como podemos observar, esse homem nordestino possui suas próprias particularidades e estabelece o padrão de masculinidade hegemônica local. Tendo em vista, que tal padrão muitas vezes é produzido, em consonância, à sua terra, e as dificuldades que o nordestino é exposto. E, além disso:

Esta forma de ser nordestino teria sido transmitida pela própria educação que era dada pelas famílias a seus filhos. Família em que a autoridade absoluta era do pai: em torno de seu poder, vontades e expectativas tudo girava. Pai, que para ser respeitado, para ser visto como homem de verdade, não podia voltar pra casa afrontado. Nem mesmo a esposa aceitaria uma fraqueza do marido. Uma família que definia rigorosos e polares papéis para homens e mulheres, mundos que já começavam a se separar na mais tenra infância (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 219).

A partir dessa citação, também fica clara a influência da família na construção dessa masculinidade, que desde cedo, é exposta a padrões de dominação, patriarcado, e ensinada a evitar sentir ou expor sentimentos, ditos como frágeis ou femininos. E, além disso, vimos como são separados os papéis ditos masculinos e os femininos, enquanto os homens são forjados a se aventurarem, as mulheres são colocadas na redoma dos lares.

Por isso, é de suma importância observamos as práticas masculinas a partir do texto literário, como meio de evidenciar importantes problemas sociais causados por muitas dessas práticas, que muitas vezes não são discutidas abertamente, mas que ao surgirem na Literatura nos possibilitam um espaço importante para pesquisas e discussões. Dessa forma, suscitam questões ainda mais sérias, pois de acordo com Connell (1995), essas práticas dos homens levantam importantes questões de justiça social, considerando a realidade que vivenciamos de desigualdade econômica, violência doméstica e a desigualdade entre os gêneros. Contudo, ressaltamos a importância de direcionarmos esse olhar para tais questões a partir do texto literário, que é a fonte principal dessa pesquisa.

4 UMA ABORDAGEM SOBRE AS MASCULINIDADES EM “A HORA DA ESTRELA”

Publicado em 1977, o romance *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, narra à história da nordestina Macabéa, que migra para o Rio de Janeiro, após a morte da sua tia. Sua vida é contada pelo narrador, o escritor Rodrigo S.M. De maneira metalinguística, a obra é narrada na perspectiva do momento em que está sendo escrita. A nordestina é uma moça simples, ingênua, que trabalha como datilógrafa e tem poucas alegrias na vida. Namora com Olímpico, também nordestino, que trabalha como metalúrgico, e ao contrário da moça, é cheio de ambições, sonha em ser deputado e conquistar muito dinheiro e fama. O namoro, no entanto, não dura muito tempo, pois Olímpico troca Macabéa por Glória, colega de trabalho da moça. A hora da estrela para Macabéa se dá ao final da história, quando a moça, após sair de uma consulta com uma cartomante, acaba sendo atropelada e morre, tendo assim, seu momento de “estrela”.

Como podemos ver, ao fazermos esse breve resumo da obra, a personagem principal da história é a Macabéa, no entanto, nessa pesquisa em questão nos voltaremos para os dois personagens masculinos que figuram no entorno da nordestina. Sendo eles, Rodrigo S.M, o narrador-personagem; e Olímpico, o também nordestino, que surge inicialmente como namorado da datilógrafa. Além disso, acompanha a moça em alguns momentos da história, e traz para a análise outro ponto importante, para entendermos as masculinidades presentes na narrativa. Faremos aqui uma análise voltada para o entendimento de como ocorre à construção da masculinidade na obra, para isso, analisaremos tais personagens masculinos e, além disso, nos debruçaremos pela teoria da crítica de gênero, a fim de alicerçar a teoria com o *corpus*.

4.1 OS PERSONAGENS RODRIGO S.M E OLÍMPICO

O personagem Rodrigo S.M se descreve como um homem “[...] que tem mais dinheiro do que os que passam fome” (LISPECTOR, 1998, p. 19), e no entanto, diz não ter classe social, pois segundo ele “a classe alta me tem como um monstro esquisito, a média com desconfiança de que eu possa desequilibrá-la, a classe baixa nunca vem a mim” (p.19).

Escritor, e que se diz ser na história um dos personagens mais importantes. Sua fala na obra levanta algumas questões interessantes para a discussão da crítica de gênero.

Muitas profissões foram por muito tempo destinadas apenas aos homens, ou ainda, quando as mulheres tinham o direito de atuar em tais áreas, a elas ficava reservado o papel “inferior”. A escritora Clarice Lispector, de maneira consciente e irônica, aborda tal questão através do personagem Rodrigo S.M. Que na história exerce a profissão de escritor, ofício esse que em algumas épocas somente homens podiam exercer, já que somente os mesmos dispunham da oportunidade de ler e escrever. Tendo consciência disso e ainda, de que quando as mulheres adquiriram tal direito, para elas, inicialmente, eram destinados apenas assuntos mais sutis, fúteis, simples ou relacionados aos lares. Clarice cria uma fala interessante para o personagem narrador, que diz:

A história – determino com falso livre-arbítrio – vai ter uns sete personagens e eu sou um dos mais importantes deles, é claro. Eu Rodrigo S.M. [...] Aliás – descobro eu agora – também eu não faço a menor falta, e até o que escrevo um outro escreveria. Um outro escritor, sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas (LISPECTOR, 1998, p. 13-14).

A partir da citação acima notamos uma ironia importante, que denota a questão da desigualdade dos gêneros, e revela o quanto os homens são vistos como seres mais fortes, que não choram ou não devem chorar, e, portanto, sabem lidar com qualquer assunto, principalmente os mais “fortes”, os quais as mulheres não seriam capazes, pois iriam “lacrimejar piegas”. Contar a história de Macabéa, por exemplo, não seria tarefa para uma mulher, já que a mesma é dita como o “sexo frágil”, mas sim para um homem forte, que retire a “melosidade” do que será dito, tal qual cita o narrador: “O que narrarei será meloso? Tem tendência mas então agora mesmo seco e endureço tudo” (LISPECTOR, 1998, p. 17).

A autora Clarice Lispector, por meio de uma ironia muito bem articulada, demonstra como as mulheres eram vistas, e quais noções de feminilidade e masculinidade eram construídas naquela época, e que perduram até hoje. Tais noções dialogam com a crítica de gênero, ao indicarem que existem culturalmente modos socialmente aceitos de ser mulher e ser homem, e tais modos, geralmente são associados a ideais que sugerem que às mulheres devem ser destinadas as coisas mais delicadas, sensíveis, frágeis, emotivas, maternas, e aos homens, cabem a coragem, a força, a perspicácia, a inteligência, a racionalidade, muitos são os adjetivos que sugerem características para ser homem e ser mulher.

Ao dizer que qualquer pessoa poderia escrever aquela narrativa, menos uma mulher, Clarice denuncia através do personagem Rodrigo S.M o machismo de uma sociedade

patriarcal, que exalta cada vez mais um ideal de masculinidade que só traz malefícios para ambos os gêneros. Além disso, cabe ressaltar ainda o quanto o personagem masculino ao reproduzir essa fala de que um homem sim poderia escrever, porque “escritora mulher pode lacrimejar piegas”, traz a tona, a ideia da virilidade masculina, que, “[...], como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo” (BOURDIEU, 2002, p. 80).

Ser viril implica, de acordo com o autor, essa construção de uma ideia que envolve relações de superioridade e inferioridade, há essa tentativa dos homens em demonstrar para si mesmos e para os demais, que são figuras mais importantes do que o feminino, e, portanto, acabam denotando uma espécie de medo do que esse feminino pode representar e oferecer para a sociedade. No caso, em questão, o que as mulheres representariam para a literatura da época. O que de acordo com o pensamento do narrador, seria um desastre total, que se resumiria a muita emoção e pouca técnica. O que só demonstra que Rodrigo S.M é construído como um personagem que segue um ideal de masculinidade hegemônica, no qual as mulheres representam o lado frágil da história, enquanto os homens ficam com o lado da força. Considerando que o texto foi escrito por uma mulher é interessante observarmos a sua opção pela figura de um narrador homem, visto que consideramos importante entender porque ocorre essa construção e até que ponto isso é relevante para as discussões da crítica de gênero, o que acreditamos que ela faz como meio de denunciar ideais machistas e desigualdades entre os gêneros.

Por outro lado, temos o personagem Olímpico, que “[...] fora criado por um padrasto que lhe ensinara o modo fino de tratar pessoas para se aproveitar delas e lhe ensinara como pegar mulher” (LISPECTOR, 1998, p. 44). O nordestino surge na história como um cara esperto, aproveitador, que almeja cargos importantes, e ser bem sucedido. Desde sua criação nota-se que ele fora ensinado a ser assim, sua masculinidade é construída desde sua infância, e todo tempo ele representa o papel de ser “macho”. Evitando demonstrar emoções que seriam próprias do gênero feminino, tentando atuar sempre como um ser viril, que despertasse terror nos outros. E no seu caso:

[...] matar tinha feito dele homem com letra maiúscula. Olímpico não tinha vergonha, era o que se chamava no Nordeste de “cabra safado”. Mas não sabia que era um artista: nas horas de folga esculpía figuras de santo e eram tão bonitas que ele não as vendia (LISPECTOR, 1998, p. 46).

Olímpico, matara um desafeto no sertão nordestino, e ter feito isso, segundo o que é narrado, dá a ele o status de homem com letra maiúscula, honra e direito de ser respeitado pelos demais. É como se isso fizesse dele um homem, embora “cabra safado”, era viril. Ainda que, em suas horas de folga fizesse um trabalho delicado, que exigia dele atenção aos detalhes, e lhe daria até mesmo o status de artista. Porém, mesmo esculpindo obras tão bonitas ele não as vendia, acreditamos que por puro medo ou receio de perder um pouco sua representatividade masculina que demonstrava força, brutalidade, pois ser artista poderia dar a ele uma fama de “mulherzinha”, o que não seria nada agradável para alguém que considerava as mulheres como o sexo mais frágil. Tal qual podemos evidenciar a partir de uma conversa que ele tem com Macabéa e a mesma, com dúvida a respeito de uma palavra, resolve perguntar ao metalúrgico, se o mesmo sabia o significado, ignorante sobre o conceito, para não demonstrar que não sabia responde dessa forma “-Saber disso é coisa de fresco, de homem que vira mulher. Desculpe a palavra de eu ter dito fresco porque isso é palavrão para moça direita” (LISPECTOR, 1998, p. 50).

A partir da fala de Olímpico, fica claro o que ele pensa a respeito das mulheres e dos homens homossexuais, por acreditar que a palavra “álgebra”, representava na verdade um palavrão, portanto, algo obsceno. Ele logo põe em cheque que apenas gays saberiam dizer o que era aquilo, pois por representar algo ruim, ele ou uma “mulher direita” não deveriam ter conhecimento. E quando ele diz que saber disso é coisa de fresco, e ainda ressaltando “de homem que vira mulher”, nessa última fala demonstra ainda mais, o quanto ele discrimina homens que tenham aspectos ditos como femininos, e isso parece sugerir que para ele o ideal de masculinidade é o que mais se distancie de características femininas, banindo quaisquer sentimentos ditos delicados.

No entanto, embora o nordestino em questão tentasse sempre representar essa figura masculina rígida, pouco sentimentalista, que não chorava fácil, “[...] fraquejava em relação a enterros: às vezes ia três vezes por semana a enterro de desconhecidos, cujos anúncios saíam nos jornais e sobretudo no O Dia: e seus olhos ficavam cheios de lágrimas” (LISPECTOR, 1998, p. 57). Notamos o quanto a masculinidade de Olímpico surgia como performance de gênero, já que o mesmo representava o tempo todo um ideal hegemônico de masculinidade, o qual era construído de acordo com a sua terra natal, no caso, o nordeste. Por conta disso, O seu eu interior por muitas vezes ficava submerso e o que ganhava destaque era a sua maneira performática de exercer o seu gênero.

Por intermédio de atos e gestos performativos, o metalúrgico desempenhava o seu papel de ser homem, no entanto, é interessante perceber ainda a ambiguidade presente em Olímpico, que ao tentar performar um ideal masculino por tantas vezes se contradiz, o que retrata bem a ironia com que a autora Clarice constrói esse personagem. Pois o mesmo tentava sempre esconder para os demais o que poderia representar fraqueza, ou ausência de virilidade. Muito embora, “[...] desde menino na verdade não passava de um coração solitário pulsando com dificuldade no espaço” (LISPECTOR, 1998, p. 66).

Olímpico, como dissemos, fora ensinado desde cedo a ter “esperteza” para lidar com as pessoas e saber “pegar mulher”, e essas eram duas características importantes para o personagem, o qual utilizava da malandragem, muitas vezes, para poder viver no Rio de Janeiro. Não só esperteza, mas também persistência mediante situações difíceis, e tal persistência se justificaria porque “[...] vinha do sertão da Paraíba e tinha uma resistência que provinha da paixão por sua terra braba e rachada pela seca” (LISPECTOR, 1998, p. 57). Tal qual vimos em Albuquerque Júnior (2013) a masculinidade desse nordestino aparece como uma construção em que há essa luta contra os problemas que aquela região enfrentava, a seca, por exemplo. Ou seja, a masculinidade do metalúrgico era construída de acordo com características rústicas, ou rígidas, em consonância à própria terra em que ele vivia. Por isso, ainda conforme o autor, somente com uma dose exagerada de virilidade era possível sobreviver naquele meio.

E essa dose exagerada de virilidade, fica nítida na história. O personagem tendia a performar a todo o momento essa noção de que era um homem extremamente viril. Por exemplo:

Ele, para impressionar Glória e cantar logo de galo, comprou pimenta-malagueta das brabas na feira dos nordestinos e para mostrar à nova namorada o durão que era mastigou em plena polpa a fruta do diabo. Nem se quer tomou um copo de água para apagar o fogo nas entranhas. O ardor quase intolerável no entanto o enrijeceu, sem contar que Glória assustada passou a obedecer-lhe. Ele pensou: pois não é que sou um vencedor? E agarrou-se em Glória com a força de um zangão, ela lhe daria mel de abelhas e carnes fartas (LISPECTOR, 1998, p. 65).

Ao lermos o trecho acima, fica nítido o quão performática era a masculinidade do nordestino Olímpico, pois a fim de afirmar sua virilidade e demonstrar o quanto era valente para a sua nova namorada. O mesmo resolve comer em plena polpa, uma pimenta-malagueta, e a figura da pimenta nesse caso, impõe simbolicamente essa ideia da força, resistência, pois para comê-la assim, pura, sem nenhum acompanhamento, a pessoa devia ter de fato, alguma

resistência. Por isso, o personagem resolve então através desse ato, impressionar a figura do sexo oposto, exigindo assim, através disso que ela o obedeça e o veja como alguém superior, para que só assim ele possa se sentir vencedor. E para ele é importante garantir o respeito da mesma, já que é através dela que ele pretende conseguir uma vida melhor, pois o mesmo via nessa nova namorada uma forma de subir na vida, e por isso “não se arrependeu um só instante de ter rompido com Macabéa pois seu destino era o de subir para um dia entrar no mundo dos outros. Ele tinha fome de ser outro. No mundo de Glória, por exemplo, ele ia se locupletar, o frágil machinho” (LISPECTOR, 1998, p.65). Ou seja, a masculinidade de Olímpico era performática, à medida que o mesmo representava por meio de atos como esses, o ideal hegemônico em que melhor se encaixava ideal esse que era construído de acordo com as características da sua terra. E, portanto, em meio a tanta representação, é possível sentir o quanto o personagem era frágil, justamente, ao se subordinar a padrões de masculinidade.

Dessa forma, quando o narrador afirma que o mesmo tinha fome de ser outro, fica ainda mais claro, a necessidade que ele tinha de performar para os outros aquilo que era ou o que gostaria de ser. Namorar a colega de Macabéa, por exemplo, daria a ele a oportunidade de tirar vantagem para subir na vida, já que diferente da nordestina, Glória era filha de um açougueiro, portanto, de algum modo tinha mais posses que a órfã Macabéa, e, além disso, era “carioca da gema”, que muito embora, Olímpico desconhecesse o sentido, acreditava que isso fazia dela alguém, para ele, ela tinha classe, e seria uma boa “parideira, “e como já foi dito ou não foi dito Macabéa tinha ovários murchos como um cogumelo cozido” (LISPECTOR, 1998, p.58). Portanto, não poderia dar filhos a ele, nem uma perspectiva de subir na vida, o que ao lado de Glória ele acreditava alcançar. Enquanto que a datilógrafa não inspirava a tal vitalidade, pelo contrário “Macabéa [...] ela própria era uma suicida embora nunca lhe tivesse ocorrido se matar. É que a vida era tão insossa que nem pão velho sem manteiga. Enquanto Olímpico era um diabo premiado e vital e dele nasceriam filhos, ele tinha o precioso sêmen” (LISPECTOR, 1998, p.58).

Como podemos ver, na citação acima, o metalúrgico sentia necessidade de ter ao seu lado uma figura feminina que pudesse lhe dar filhos, que tivesse corpo para isso, ou seja, ele enxergava as mulheres como meras reprodutoras, ou ainda, como meio de tirar vantagem na vida, mas em nenhum dos namoros ele parece ter uma satisfação amorosa, o que mais se aproximaria de algum sentimento seria sua relação com Glória, no entanto, ele a tinha apenas como um meio de atingir seus planos, que envolviam obter alguma ascensão social. Ainda nessa citação, cabe destacar que Olímpico é visto como o portador do dito “precioso sêmen”,

portanto, dele nasceriam filhos o que inspirava ainda mais virilidade, já que simbolicamente o sêmen pode representar essa ideia de vitalidade e masculinidade.

Ao terminar o namoro com Macabéa, ele utiliza de machismo e crueldade que lhe são próprios desde a sua criação, que foi a de que teria que saber “pegar mulher”, sem grandes sentimentos, mas sim olhando para o superficial, enxergando as mulheres como objeto e como seres inferiores. Na obra fica claro que “Olímpico na verdade não mostrava satisfação nenhuma em namorar Macabéa – [...] talvez visse que Macabéa não tinha força de raça, era subproduto” (LISPECTOR, 1998, p. 59), e ao encontrar Glória, como foi dito, vê a oportunidade de enriquecer, de entrar no mundo dos outros, por isso resolve dar fim ao namoro com a nordestina, para tanto usa de uma sinceridade nada sutil: “-Você, Macabéa, é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer. Me desculpe se eu lhe ofendi, mas sou sincero. Você está ofendida?” (p.60). Com essas palavras ele põe fim ao namoro dos dois, como se vê são palavras nada agradáveis, mas para ele é apenas sinceridade, e por mais que chegue a perguntar se ela havia ficado ofendida isso não demonstra que ele tivesse algum tipo de receio ou arrependimento das palavras que usara, afinal era o que ele acreditava. Para ele, Macabéa não inspirava desejo, muito menos perspectiva de algum futuro, ser “cabelo na sopa”, é o símbolo do asqueroso, abominável, sinônimo de um nível elevadíssimo de desprezo e repulsa.

Levando em consideração o que foi dito, podemos analisar da seguinte forma, ainda de acordo com o que vínhamos discutindo acima, Olímpico tinha fome de ser outro, mas esse outro, não poderia ser qualquer um, mas sim aqueles que tinham bens, prestígio social, e ao lado de Macabéa ele sentia que não teria isso. O namoro nunca tinha experimentado o quente, segundo o que é narrado, e sendo assim, entendemos que eles nem se quer tinham um contato mais íntimo, o que, como vimos na fala do nordestino, muito se dava porque “Macabéa era cabelo na sopa”, e tal fala expressa bem o que ele sentia em relação à datilógrafa, que certamente seriam sentimentos de nojo e aversão. Ele não via em Macabéa uma fonte de desejo, nem de oportunidade de crescimento na vida.

Dessa forma, conforme o que discutimos ao longo dessa seção, nota-se que as masculinidades de Olímpico e Rodrigo S.M, são construídas em paralelo, com apenas alguns ideais diferentes, se por um lado temos o personagem que narra à história, e se considera um dos mais importantes dela, e ainda, enxerga as mulheres como seres que não podem exercer o mesmo papel que ele, ao menos não com tanta maestria, pois como vimos, ele considera que aos homens cabe o papel de escrever e de falar de assuntos mais sérios. Por outro, temos o nordestino Olímpico, o qual desempenha sua masculinidade de maneira mais performática,

representando o tempo todo o seu gênero. Visando aparentar uma dose exagerada de virilidade, que se justificaria devido sua masculinidade ser construída de acordo com sua terra natal, o Nordeste. E que via as mulheres como seres inferiores que serviam para procriar ou para lhe ajudar de algum modo a subir na vida, isso, se a mulher em questão fosse de boa família, portanto, ele tinha um jeito malandro de ser; pois como vimos, desde cedo foi ensinado a ser assim pelo seu padrasto.

Podemos assim afirmar que ambas as masculinidades vislumbram um ideal hegemônico em que os homens exercem um papel superior em relação às mulheres, e ainda, onde os homens precisam exercer o papel mais conservador da masculinidade, aparentando mais seriedade, virilidade, e evitando sentimentos ditos inferiores que caberiam às mulheres. Ressaltando que Olímpico, no entanto, também exercia uma masculinidade que se assemelhava ainda a sua identidade enquanto homem nordestino. Portanto, diferente de Rodrigo S.M, ele possuía algumas particularidades que lhe eram próprias devido a sua região de nascimento.

Por exemplo, mesmo residindo no Rio de Janeiro, Olímpico jamais abandonara alguns costumes aprendidos desde cedo e que constituíam a sua masculinidade enquanto nordestino. Podemos exemplificar melhor ao observamos que após migrar para o sudeste ele “trouxera consigo, comprada no mercado da Paraíba, uma lata de vaselina perfumada e um pente, como posse sua e exclusiva. Besuntava o cabelo preto até encharcá-lo. Não desconfiava que as cariocas tinham nojo daquela meladeira gordurosa” (LISPECTOR, 1998, p. 57). Constata-se a partir dessa passagem que o metalúrgico com o intuito de atrair as mulheres, utilizava de um costume que era próprio da sua região de origem, e que mesmo migrando para outro estado, não conseguia se desprender pois aquilo fazia parte de quem ele era e de como ele entendia o ser homem e o ser masculino. E essa identificação era tão forte que ele nem se quer imaginava que aquele ato, de encharcar o cabelo com vaselina, na verdade, não despertava desejo mas sim aversão. No entanto, ele não se importa com isso, pois para ele aquele era um perfil de masculinidade que exalava virilidade e que certamente através dele conseguiria atrair o sexo oposto. Pois para ele o essencial era exercer sua masculinidade bem como aprendera, e sempre destacando o seu objetivo de aparentar superioridade.

É exatamente isso que observamos no diálogo entre o mesmo e Macabéa, no qual questiona: “Mas você sabe que se chama Macabéa, pelo menos isso? –É verdade. Mas não sei o que está dentro do meu nome. Só sei que eu nunca fui importante... – Pois fique sabendo que meu nome ainda será escrito nos jornais e sabido por todo o mundo” (LISPECTOR, 1998,

p. 56). Nesse momento avistamos que ele reafirma essa questão do sentimento de superioridade e desejo de alcançar ascensão social. Pois em meio ao diálogo o nordestino evidencia mais uma vez o lugar que quer estar, além de definir o lugar de contraste entre ele e Macabéa. Ou seja, para ele estaria reservada a fama, o sucesso, enquanto que a ela caberia uma vida sem grandes feitos e importância.

Notamos que Olímpico e Rodrigo S.M representavam um ideal hegemônico de masculinidade em que as mulheres não possuíam tanta importância quanto eles. Tendo em vista que às personagens femininas caberia apenas aceitar e obedecer aos desejos dos homens, sem questionar o porquê de estarem naquela situação de subordinação. Apuramos ainda que ambos desempenhavam suas masculinidades por meio da performance de gênero. Um exemplo do performativo no personagem Rodrigo S.M ocorre quando o mesmo afirma que “para desenhar a moça tenho que me domar e para poder captar sua alma tenho que me alimentar frugalmente de frutas e beber vinho branco gelado [...] também tive que me abster de sexo e de futebol” (LISPECTOR, 1998, p. 22-23). Ou seja, o personagem afirma que para conseguir escrever era necessário ter que abdicar de coisas que simbolicamente representavam atos que os homens geralmente não abririam mão, já que sexo e futebol, constantemente estão ligados a um ideal hegemônico que muitos homens perseguem. Além disso, Rodrigo S.M afirma que “para falar da moça tenho que não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras por dormir pouco, [...]. Além de vestir-me com roupa velha rasgada” (LISPECTOR, 1998, p. 20). E tudo isso, para que ele pudesse se por no lugar da nordestina, no entanto, observem o quão performáticos eram esses gestos, já que não fazer a barba, por exemplo, também seria simbólico à medida que a barba para alguns homens, costumeiramente, representa um símbolo de masculinidade, virilidade.

Em síntese, procuramos por meio dessa análise identificar como ocorreu a construção da masculinidade dos personagens Olímpico e Rodrigo S.M, para tanto evidenciamos que tal masculinidade foi representada enquanto performance de gênero por ambos. Além disso, notamos a importância da ironia nessa narrativa e na construção do masculino na obra.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), abordamos a partir do *corpus*, uma temática muito relevante, que foi a masculinidade, assunto esse que é de grande importância para as pesquisas envolvendo a crítica de gênero e literatura. A partir da nossa pesquisa em questão visamos dar a nossa contribuição para a academia.

No decorrer de quatro capítulos, nos debruçamos pela teoria e pela obra *A hora da estrela*, a fim de atingir nosso objetivo geral de compreender como a masculinidade foi construída no objeto de estudo em questão. Acerca disso, obtemos algumas considerações importantes, a masculinidade dos personagens Olímpico e Rodrigo S.M, por exemplo, percebemos que surgiam na obra através da performance de gênero, por meio de atos expressivos que constatamos no decorrer de nossa análise. Notamos ainda algumas particularidades expressas na masculinidade de Olímpico, o qual apresentava ideais hegemônicos que estavam em consonância com a sua região, o nordeste. E que mesmo habitando uma nova localidade, o mesmo permanecia reproduzindo como parte constituinte da sua masculinidade.

Outro ponto relevante é a presença da ironia, a qual fora muito bem empregada pela autora Clarice Lispector, que por meio desse recurso conseguiu construir perfis masculinos diferentes e iguais em alguns aspectos. Sendo o mais significativo deles, a questão da performance de gênero, a qual notamos com veemência na obra. Mesmo que a autora não tivesse a intenção de criar os personagens pensando nesses ideais de masculinidade, a mesma conseguiu deixar uma grande narrativa, na qual conseguimos identificar aspectos da teoria de gênero como esse. Ressaltando também, que além da performance de gênero, ainda existem muitos caminhos passíveis de análise para essa obra, evidenciando assim a riqueza de leituras que a obra dispõe, não só sobre outros aspectos, mas também sob o prisma da crítica de gênero envolvendo o masculino. Outro tema possível que observamos seria o da masculinidade do nordestino Olímpico dando ênfase ainda para aspectos da classe social, já que o personagem tenta o tempo todo ascender socialmente, e isso também rende uma grande discussão entre esse masculino e sua posição social, que deixamos aqui como sugestão para os(as) demais pesquisadores(as) da área, levando em conta que não podíamos abranger tantas discussões em uma só pesquisa.

Portanto, acreditamos na importância de ter trabalhado tais questões no decorrer dessa pesquisa, tanto para a academia, quanto para nós pesquisadores(as), que nos debruçamos por teóricos e teóricas, analisamos, revisamos, para que a pesquisa chegasse a um produto final

que atendesse, ao menos, a nossa principal expectativa que era a de contribuir no acréscimo de estudos referente à masculinidade e ao nosso *corpus* em questão. A fim de trazer novos olhares para a obra, para assim somar os estudos com uma temática que não é tão recorrente no *corpus* em questão. E que pudéssemos ainda, trazer mais alguma referência para novos(as) pesquisadores(as) da área.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. de. **Nordestino**: uma invenção do “falo” -uma história do gênero masculino (1920-1940). 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.
- ALMEIDA NUNES, Kenia. Agora da estrela: entre o masculino e o feminino. **Revista Inter-Legere**, v. 1, n. 13, p. 46-63, 5 set. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4164>. Acesso em: 11 out. 2019.
- ALMEIDA, Adriana Antunes de. O não pensar como espaço da alienação feminina em A hora da estrela de Clarice Lispector. **Raído**, v.10, n. 21, p. 130-142, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/5215>. Acesso em: 20 set. 2019.
- AZEVEDO, Luciano Tavares de. Uma análise das relações de gênero na obra A hora da estrela de Clarice Lispector. **Revista Letra magna**, n. 08, p. 1-12, 2008. Disponível em: <http://www.letramagna.com/horadaestrela.pdf>. Acesso em: 18 out. 2019.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. In: Pierre Bourdieu (Org.), tradução de Maria Helena Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. In: Judith Butler (Org.) tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Disponível em: <https://cadernoselivros.files.wordpress.com/2017/04/butler-problemasdegenero-ocr.pdf>. Acesso em: 15 set. 2019.
- CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**. Porto Alegre-RS, v.20, n.2, p. 185-206, jul./dez.1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725/40671>. Acesso em: 25 maio 2019.
- CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica:repensando o conceito. **Estudos feministas**. Florianópolis- SC, v.21, n.1, p.241-282, jan./abr. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v21n1/14.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2019.
- CONNELL, Raewyh; PEARSE, Rebecca. **Gênero**: uma perspectiva global. São Paulo: Nversos, 2015.
- LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- SOARES, Maria Elias. O discurso feminino de Clarice Lispector em *a hora da estrela*. **Revista De Letras**. Fortaleza- CE, v. 1/2, n. 24,p. 75-79, jan./dez. 2002. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2224>. Acesso em: 20 out. 2019.
- SIMON, Luiz Carlos Santos. Fundamentos para pesquisas sobre masculinidades e Literatura no Brasil. **Revista Estação Literária**. Londrina- PR, v.16, p. 8-28, jun./2016. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/28472>. Acesso em: 5 abr. 2019.

MONTEIRO, Rebecca Pedroso. Parafusos, relógios e cartomantes: gênero e representação em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. **Em tese**. Belo Horizonte- MG, v. 17, n.2, s/p, 2011. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3734> Acesso em: 20 out. 2019.